



A MORTE DE  
S. JOSÉ

## O reflexo da arte internacional nos azulejos policromos de Válega

Sofia Nunes Vechina

### Introdução

De entre todos os países europeus, foi em Portugal que o azulejo manifestou maior desenvolvimento e as formas mais originais e funcionais de utilização, numa actuação primordialmente arquitectónica, nunca passiva nem neutra, que ultrapassa largamente uma mera função decorativa<sup>1</sup>.

Na primeira metade do século XX, a azulejaria perde a homogeneidade criativa e as tendências modernas. Arte Nova e Arts Deco coexistem com manifestações tradicionalistas – revivalismo e romântico tardios<sup>2</sup>. Os azulejos de padrão inspiram-se em temas vegetalistas e florais mais orgânicos e estilizados, de cores vivas, e coexistem com a produção de painéis para interiores e exteriores de edifícios religiosos, públicos (estações de caminho-de-ferro, tribunais, mercados, fontes, etc.), comerciais e privados<sup>3</sup>.

Em 1940, com a Exposição do Mundo Português, afirma-se “uma arquitectura academicamente alimentada na estética pombalina e em duvidosas tradições portuguesas de construção”<sup>4</sup>. Todavia, “desta arquitectura foi curiosamente excluída uma das principais artes nacionais: o azulejo”<sup>5</sup>, que só a partir de finais da década de 1950, ganha um novo incentivo, muito mais ligado a uma estética da Época Contemporânea.

Foi neste reflorescimento da azulejaria moderna que nasceu o projecto de revestimento da fachada e do interior da nave da Igreja Matriz de Válega, sob encomenda de António Maria Augusto da Silva, comendador da Ordem de Benemerência, natural da dita freguesia.

Esta iniciativa remete-nos, artisticamente, para um revivalismo da decoração da Época Moderna, portanto, longe da estética contemporânea, próximo dos ornatos de finais do século XVIII, mas figurativamente influenciada por várias obras internacionais, do século XV ao XX, de artistas como Albertinelli, Giulio Romano, Murillo, Perugino, etc.

1 MECO, 1992: 5.

2 MECO, 1992: 83.

3 MECO, 1992: 83-85.

4 MECO, 1992: 87.

5 MECO, 1992: 87.

## 1. Igreja Matriz de Santa Maria de Válega

Sobre a primitiva Igreja pouco se sabe, a não ser que tinha como orago Nossa Senhora do Amparo e retinha três retábulos – retábulo-mor dedicado ao Santíssimo Sacramento e dois colaterais com a invocação de Nossa Senhora do Rosário e do Espírito Santo<sup>6</sup>.

Em 2 de junho de 1746, a Igreja, ameaçava ruína:

Achey esta Igr<sup>a</sup> em termos de cahir e Tendo huma grd<sup>e</sup> Ruina que ham<sup>tos</sup> annos ameassa, por cujo motivo Tendo Provisor neste Bispado obriguei aos fregueses della a fazerem-na de novo Com penas pecuniárias, o que melhor constara do termo que os d<sup>os</sup> freguezes na minha prez. Fizerao e como me constou agora em acho de vezita e que os mesmos freguezes sabendo que cuvinha vezitar esta [...] marca Com o medo de eu lhe executar a pena [...] com que estavaõ incurssos Com m<sup>ta</sup> preça fizeraõ dar a d<sup>a</sup> obra da d<sup>a</sup> Igreja Confrontando, e medindo a bem donde havia de fazer e fundar a noua Igr<sup>a</sup> e a fizeraõ Rematar [...] p<sup>a</sup> me persuadir [...] mas [...] conheço nelles pouco zelo p<sup>a</sup> as Couzas de Deos de m<sup>tos</sup> annos que os obrigo a fazer esta obra taõ grande p<sup>a</sup> o Seu Serv<sup>o</sup> por tanto provendo de Remedio ao Seu pouco zelo. Mando que dentro de tres annos que pricipiaraõ da data deste cap<sup>o</sup> se principie e finde a d<sup>a</sup> obra<sup>7</sup>.

Em 23 de outubro de 1746<sup>8</sup>, adquiriu-se o terreno para a actual Igreja e, em 20 de novembro do mesmo ano, lançava-se a primeira pedra:

Aos vinte dias do mez de novembro do anno de mil sete centos e quarenta e seis na terceyra Dominga do d<sup>to</sup> mez, dia de S. Feliz pelas nove horas da manham, em procição sollemne de todos os P<sup>os</sup> desta frg<sup>a</sup>, e m<sup>to</sup> povo della, fui eu Vicente Jozé de Freytas Abb<sup>o</sup> actual desta mesma frg<sup>a</sup>, deitar a primeyra pedra da Igr<sup>a</sup> nova, q tinha em si gravadas estas mesmas Lembranças do d<sup>to</sup> dia, mez, e anno: e p<sup>a</sup> a todo o tempo constar fiz este acento, q asigno<sup>9</sup>.

Em 24 de agosto de 1752, já as obras iam muito adiantadas:

Achasse feito e quazi acabado Corpo da nova Igr<sup>a</sup> desta freg<sup>a</sup> por conta e obrigm<sup>o</sup> dos freg<sup>os</sup> della, e falta fazer a capella Mor Com a posivel brevid<sup>e</sup> a fim de Se acabar em tempo hutil [...] mando se faça a dt<sup>a</sup> Capella de novo do tempo de dois annos em forma decente e regular a proporção em q. se acha o Corpo da mesma Igr<sup>a</sup> [...] o R<sup>o</sup> Par<sup>o</sup> desta freg<sup>a</sup> extrahira por certidam no termo de quinze dias este Capitulo e o entregara ao Juis da Igra p<sup>a</sup> Com elle Requirer ao m<sup>o</sup> Rm<sup>o</sup> Cabb<sup>o</sup> he defira a dt<sup>a</sup> obra<sup>10</sup>.

Em 18 de abril de 1779, o corpo da Igreja está concluído:

à porta fexada e os freguezes justamente requerem a Capela mor, que pertence ao Il<sup>mo</sup> Cabido do qual se espera mande com a brevidade possivel fazer ad<sup>a</sup> Capela mor.  
A crus do Altar não tem crucifixo. [...] A chave do sacrário deve ser dourada. [...] Todas estas obras pertencem ao Il<sup>mo</sup> Cabido do qual se espera o comprimento delas, visto serem precisas, e indispensaveis; e q tudo se satisfaça com a possivel brevidade<sup>11</sup>.

6 APV – *Livro das Vizitas desta Igreja de Vallega* ... fl. 3v. (BASTOS, 1984: 42).

7 APV – *Livro das Vizitas desta Igreja de Vallega* ... fl. 9.

8 OLIVEIRA, 1981: 32.

9 APV – *Livro das Vizitas desta Igreja de Vallega* ... fl. 45v.

10 APV – *Livro das Vizitas desta Igreja de Vallega* ... fl. 22v.

11 APV – *Livro que ha de servir p<sup>a</sup> os Cap<sup>os</sup> de Vezita* ... fl. 9.

No ano de 1787-1788, a Igreja, quase construída, foi reduzida a cinzas, o que obrigou a obras de reedificação durante o século XIX<sup>12</sup>.

E depois de acabada athe ao ponto de ser forrada, e os dois altares collaterais com suas tribunas, e retabulos de excell<sup>e</sup> talha e bom gosto, foi tudo reduzido a cinzas em 18 de Abril de 1787 ou 88. Q<sup>o</sup> pude colligir da era por conjecturas, e sendo nesse tempo Abb<sup>e</sup> desta Igr<sup>a</sup> de Vallega Dom<sup>os</sup> da S<sup>a</sup> Chaves. Em 1813 o escrevi Antonio de [...] Dias de Castro Abb<sup>e</sup> de Vallega<sup>13</sup>.

Em 24 de novembro de 1813, o visitador dizia:

tive a consolação de ver a decência, aceio, e grande melhoramento, em que se acha esta Igreja [...] e devo esperar, que as obras já começadas, e o mais de que necessita esta igreja, tanto para o seu ornato, como para a Celebração dos Divinos Officios, se haja de promover com todo o zelo, e actividade<sup>14</sup>.

Em 9 de setembro de 1864, acha-se “Boa Igreja – tem cinco pedras d’ara dos cinco altares, quatro dos quais tem relíquia”<sup>15</sup>.

Este edifício longitudinal, de nave única, com capela-mor profunda, destacou-se, no século XX, pela aquisição dos vitrais de origem espanhola (Madrid) e dos azulejos que o revestiu por dentro (nave) e por fora (fachada).

## 2. Azulejos policromos

O azulejamento da autoria da Fábrica Aleluia, iniciado em 1958 pelo batistério, teve continuidade em 1959, no coro-alto e nave, com exceção dos painéis de Nossa Senhora de Lurdes e de Nossa Senhora de Fátima que estão datados de 1960, o mesmo ano em que se revestia a fachada principal.

### 2.1. Fábrica Aleluia

De entre todas as fábricas de cerâmica que existiram na cidade de Aveiro, quer pela qualidade das peças, quer pela importância que tiveram para a indústria local, destacam-se especialmente as Fábricas do Cojo, no século XVIII, e a Fábrica da Fonte Nova, no século XIX.

Desta última que começava a dar indícios de falência próxima, saiu em 1905 um grupo de cinco operários, que depois de conseguirem capital emprestado, constituíram uma sociedade e fundaram a Fábrica de João Aleluia & C.<sup>a</sup>, que passou a funcionar num pequeno armazém, no Largo dos Santos Mártires. Porém, em 1906, dá-se a dissolução da sociedade, restando unicamente João de Pinho das Neves Aleluia (“fundador, gerente técnico, artístico e comercial, desde a fundação até à sua morte, ocorrida em 20 de setembro de 1935”).

Depois de adquirida a Fábrica Fonte Nova, em 1911, dá-se a transferência da Fábrica Aleluia para a Rua da Fonte Nova, em 1917.

Em 1935, com o falecimento de João Aleluia, a fábrica é transformada numa sociedade familiar (“Viúva e Filhos de João Aleluia”), e, em 1941, numa “sociedade em nome colectivo entre os filhos herdeiros Gervásio e Carlos”<sup>16</sup>. Na década de 1950-1960, trabalhavam cerca de trinta pessoas, na secção de painéis, dez das quais terão trabalhado nos painéis de Válega.

12 OLIVEIRA, 1981: 33-34.

13 APV – *Livro das Vizitas desta Igreja de Vallega* ... fl. 45v.

14 AEP – N<sup>o</sup>1, *Livro que hade servir na Vizita* ... fl.44.

15 AEP – N<sup>o</sup>1, *Livro que hade servir na Vizita* ... fl. 62.

16 HISTÓRIA da Fábrica Aleluia, 1955.

Na figura que se segue, estão nove desses elementos, identificados na respetiva legenda com os números 1, 4, 9, 13, 16, 18, 21, 24 e 26.



Figura n.º 1 – Trabalhadores da secção de painéis da Fábrica Aleluia. Fonte: Arquivo Particular de Saul Ferreira.

1. João Calisto 2. Fernando "Estrela" 3. Noémia 4. Manuel da Rosália 5. Cesar Carvalho 6. Deolinda 7. Zeferino
8. Manuel Vitor 9. Lourenço Limas (encarregado da secção) 10. Castelhão 11. Fernando Matos 12. Redondo
13. José Augusto 14. Fernando Ferreira 15. Amílcar Bagão 16. João da Loura 17. António Vieira 18. António Reis
19. César Almeida 20. Anibal 21. Saul Ferreira 22. Manuel Azevedo 23. António dos Santos 24. António Limas
25. Gamelas 26. Luís Bernardo.

Nos elementos decorativos, trabalharam João Calisto e João da Loura, com a colaboração dos ajudantes, Luís Bernardo, Manuel da Rosália e Saul Ferreira. Nas representações figurativas, atuaram Luís Pinho, António Limas, António Reis e José Augusto<sup>17</sup>.

Quanto aos desenhos<sup>18</sup> necessários para a execução de um projeto desta natureza, sabe-se agora que terão sido, inicialmente, desenhados nas Oficinas de Escultura de Guilherme Ferreira-Thedim<sup>19</sup>, e só depois terão sido estilizados e adaptados ao trabalho no azulejo<sup>20</sup>, tarefa essa desempenhada por Lourenço Limas (correção e ampliação).

17 Informação oral dos senhores João Calisto, Saul Ferreira, António Limas e José Augusto, os únicos pintores executantes da empreitada em Válega, que estavam vivos em 2009.

18 Desenhos gentilmente cedidos pela secção de painéis da Fábrica Aleluia.

19 AFA – *Desenho do lado da epístola (Igreja Matriz de Válega); Desenho do lado da epístola (Igreja Matriz de Válega); Desenho do lado do evangelho (Igreja Matriz de Válega); Desenho do Painel da Maternidade de Nossa Senhora (Igreja Matriz de Válega)* (os originais realizados em tons de sépia foram informaticamente transformados para tons cinza e apresentados, pela primeira vez, neste artigo).

20 AFA – *Desenho do arco cruzeiro da Igreja Matriz de Válega; Desenho do Baptismo de Cristo, da Igreja Matriz de Válega; Desenho do coro-alto da*

Alguns desenhos encontrados no Arquivo da Fábrica Aleluia, apresentam um risco simplificado de elementos vegetalistas que evidencia a execução preparatória para a aplicação do desenho no azulejo. Embora não assinados, estes serão, como já vimos, da autoria de Lourenço Limas (Fábrica Aleluia).

A fachada, o arco cruzeiro e o coro-alto são os únicos que não apresentam projecto proveniente das Oficinas de Escultura de Guilherme Ferreira Thedim, daí a diferença na escala utilizada – estes foram sujeitos a uma escala de 1/25, enquanto os desenhos da referida oficina de escultura, utilizam a escala de 1/20.

A par dos elementos vegetalistas que decoram os azulejos e servem de moldura às figurações, são representados diversos tipos de anjos:

1. de meio corpo, inseridos numa espécie de cartela;
2. de corpo inteiro, envolvidos em elementos vegetalistas;
3. de corpo inteiro, sugerindo a sustentação da estrutura decorativa;
4. cabeça de anjo;
5. de corpo inteiro, sentado num pedestal e segurando uma grinalda de flores;
6. de corpo inteiro, sentado sobre a base da cartela e segurando uma flor na mão;
7. anjo músico;
8. composição de anjos de corpo inteiro, pássaros e flores;
9. composição de anjos de meio corpo.

Na proximidade destes, surge o registo do nome do encomendador e a data da sua execução – “Oferta de António Maria Augusto da Silva – Filho desta terra. Comendador da ordem de benemerência. Ano de 1959” –, que, tal como os anjos, prima pela simetria. Ou seja, o mesmo texto surge-nos do lado do Evangelho e do lado da Epístola e também no coro-alto.

A assinatura da Fábrica Aleluia, no interior, aparece no coro-alto e no painel de Nossa Senhora de Fátima, neste caso associado à data de 1960, o que nos explica o facto de estes não constarem nos desenhos de 1958. No exterior, o nome do benemérito é indicado no painel do *Dogma da Imaculada Conceição*, e a assinatura da fábrica no da *Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição*.

As representações figurativas são claramente influenciadas por obras de grande vulto do século XV ao século XX, mas também por estampas, das quais não conseguimos averiguar a autoria. Sabemos, no entanto, que a base para a sua execução estaria num pequeno livro<sup>21</sup>, cedido pelo benemérito, de onde, sob as suas ordens, os pintores retiraram as imagens necessárias<sup>22</sup>.

## 1.2. Análise iconográfica e iconológica

### 1.2.1. O exterior – fachada

A fachada, completamente revestida a azulejos datados de 1960, apresenta-nos temáticas enraizadas nas ideologias tridentinas (eucaristia, comunhão, confissão, matrimónio e baptismo<sup>23</sup>), conciliadas com a entrega das chaves a Pedro (“pedra da igreja”), e com o dogma da Imaculada Conceição e a sua proclamação, por Pio IX.

*Igreja Matriz de Válega; Desenho do das representações laterais ao arco abatido que suporta o coro-alto (Igreja Matriz de Válega); Desenho do lado da epístola, Igreja Matriz de Válega; Desenho da fachada da Igreja Matriz de Válega.*

21 Infelizmente, perdemos o seu rasto.

22 Informação cedida pelos já mencionados antigos pintores.

23 A comunhão, a confissão, o matrimónio e o baptismo, foram longamente discutidos pelos decretos tridentinos, entre 1545 e 1552, de que resultou a necessidade da prática de todos estes atos/sacramentos, que, por isso, são, ainda, em 1960, representados neste edifício.

Em suma, parece-nos, que, de modo geral, a fachada pretende fazer uma síntese dos momentos mais importantes do cristianismo, começando pela fundação da Igreja através da entrega das chaves a Pedro; passando pelo batismo de Constantino, como um momento fundamental para o Cristianismo; evidenciando o concílio de Trento como forma de combater as heresias e definir regras para os cristãos; e, finalmente, referindo a proclamação do dogma da Imaculada Conceição<sup>24</sup>, e sua respetiva publicação, a 8 de Dezembro de 1854, através da encíclica *Ineffabilis Deus*, pelo papa Pio IX, derrotando todos os que não acreditavam.

Reforçando o que sobre este tema já foi dito, surge-nos, na restante fachada, a figura de S. Carlos Borromeu, autor de *Instructio Fabricae et Suppellectilis ecclesiasticae*<sup>25</sup> e grande impulsionador da contra-reforma, e S. Luís, rei de França, a comungar.

### A adoração da Eucaristia

O Concílio de Trento (1543-1563) incentiva à veneração dos

sagrados Misterios do feu Corpo, e Sangue, com tal confiança, e firmeza de fé, com tal devoção de animo, e com tal piedade, e veneração, que possa receber frequentemente aquele Paõ fobrefubftancial, e effe verdadeiramente feja para elles vida da alma, e faude do espirito<sup>26</sup>,

para alcançarem o reino dos céus, sintetizando, desta forma, as representações de adoração da sagrada partícula. Neste caso particular, o ostensório/custódia é elevado (servindo-se da altura do óculo), rodeado por cabeças de anjos e adorado por várias pessoas.

Relativamente à estampa que serviu de base a esta figuração, as alterações não foram muito consideráveis. Verifica-se, apenas, um aumento das cabeças de anjos, o que não é mais do que a consequência da largura do óculo.

### S. Luís

Padroeiro da monarquia francesa desde o século XVII, em Itália, popular desde a Idade Média, S. Luís era considerado entre os membros da ordem terceira de S. Francisco. Alguns anos antes da execução desta obra, em 1945, foi fundada, em França, a Associação dos Amigos de S. Luís<sup>27</sup>. Terá sido o benemérito influenciado por esta nova associação, no que respeita à escolha desta representação? Não terá esta imagem sido escolhida pela sua ligação aos franciscanos e, por consequência, pela sua importância na defesa do dogma da imaculada Conceição? Não sabemos.

Nestes azulejos, S. Luís figura de joelhos, aos pés do padre que lhe entrega a sagrada hóstia, enquanto o assistente de comunhão segura, na mão direita, uma vela.

### Constantino

Filho de Santa Helena (que foi quem encontrou a cruz de Cristo no monte Gólgota), proclamado imperador em 313, Constantino foi o primeiro imperador cristão, assistiu ao Concílio de Niceia e morreu em 337, depois

<sup>24</sup> Tema muito discutido, em que muitos não admitiam o privilégio em virtude do qual a Virgem Maria, entre todos os descendentes de Adão e Eva, foi a única que concebeu sem pecado (RÉAU, 2000: 81).

<sup>25</sup> Tratado pós-tridentino sobre arquitetura religiosa.

<sup>26</sup> REYCEDE, 1781: 263.

<sup>27</sup> RÉAU, 2000: 274-279.

de batizado pelo Papa Silvestre. A Igreja Ortodoxa, consagrou-o como “igual aos apóstolos”, enquanto a Igreja latina só o beatificou<sup>28</sup>.

Na fachada da Igreja Matriz de Válega, o imperador, batizado no interior de um templo, é a personagem central desta composição, rodeado pelo papa que o batiza, o ajudante que segura os santos óleos, uma figura que lhe cobre o corpo nu, outra que segura o livro onde está inscrito “Eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, uma mulher que agarra um tocheiro com a vela batismal, várias pessoas que assistem e, do lado esquerdo, sob um pálio, vários bispos.

Evidentemente influenciada pela obra com o mesmo nome do pintor Rafael Sanzio, aqui só o tema central ganha destaque, toda a restante composição foi eliminada.

### S. Carlos Borromeu

Nascido, em 1538, em Arona, no seio de uma família nobre, estudou direito na Universidade de Pavia. S. Carlos Borromeu era sobrinho do papa Pio IV e foi nomeado cardeal. Durante a peste de Milão, em 1575, encarregou-se dos doentes, mobilizando também monges e sacerdotes como enfermeiros<sup>29</sup>.

A extrema-unção ministrada por S. Carlos Borromeu faz menção a esse incentivo dado, neste caso, a sacerdotes e franciscanos para cuidar dos enfermos. Infelizmente, este doente não sobreviverá, por isso, para além, dos cuidados físicos, chegou o momento de S. Carlos Borromeu cuidar espiritualmente desta pessoa, ministrando a extrema-unção, numa figuração influenciada por uma estampa, da qual desconhecemos a autoria.

### O dogma da Imaculada Conceição

O dogma da Imaculada Conceição define-se pelo privilégio concedido por Deus à Virgem Maria, a única que teria sido concebida sem pecado original<sup>30</sup>, entre todos os descendentes de Adão e Eva. Eleita antes do seu nascimento para ser Mãe de Jesus, razão pela qual teria de ser pura “tanto na concepção como no parto”. Ela foi concebida e concebeu sem pecado, a sua pureza é provada desde o anúncio do seu nascimento até à anunciação do Senhor.

Santo Agostinho, nunca ousou atribuir a Maria a exceção do pecado original que reserva só a Cristo, porque esta crença não tem fundamento bíblico. São Bernardo, e São Boaventura, dominicanos, Alberto Magno e São Tomás de Aquino defendiam que Nossa Senhora tinha sido concebida em pecado original (concupiscência sexual), enquanto os franciscanos e os carmelitas, defendiam que a Virgem tinha sido preservada do pecado original antes ainda do seu nascimento e não exclusivamente a partir da Encarnação. A Universidade de Paris teve um papel fundamental no crescimento desta crença. Representada por Pierre d'Ailly e Jean Gerson, defendeu com confiança, através de um apostolado teológico, a fé na Imaculada Conceição.

A representação da Imaculada Conceição nasceu, em 1370, quando Luís II de Bourbon fundou a ordem do Cavaleiro de Nossa Senhora da Esperança, em cuja insígnia figurava “a Virgem do Apocalipse, coroada por doze estrelas e com os pés repousando sobre a lua crescente”, e foi consagrada pelo Concílio de Trento. A conversão desta crença em dogma ocorreu em 8 de Dezembro de 1854, em virtude da encíclica *Ineffabilis Deus*, proclamada pelo papa Pio IX<sup>31</sup>, na Basílica do Vaticano, com a participação de “53 cardeais, 43 arcebispos, 100 bispos e uma entusiástica multidão de fiéis”<sup>32</sup>.

28 RÉAU, 2000: 330-333.

29 RÉAU, 2000.

30 Ao qual estão submetidos todos os homens depois da falta de Eva.

31 RÉAU, 2000: 81-97.

32 AGUIÃ, 1996: 27.



No discurso de proclamação do dogma da Imaculada Conceição, Pio IX, diz:

depois de na humildade e no jejum, dirigirmos sem interrupção as Nossas preces particulares, e as públicas da Igreja, a Deus Pai, por meio de seu Filho, a fim de que se dignasse de dirigir e sustentar a Nossa mente com a virtude do Espírito Santo; depois de implorarmos com gemidos o Espírito consolador; por sua inspiração, em honra da santa e indivisível Trindade, para decoro e ornamento da Virgem Mãe de Deus, para exaltação da fé católica, e para incremento da religião cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, e com a Nossa, declaramos, pronunciamos e definimos [...] a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus, e por isto deve ser crida firme e inviolavelmente por todos os fiéis<sup>33</sup>.

No texto supracitado, constata-se tudo o que já foi dito sobre a definição deste tema e demonstra-se a sua importância no século XIX.

A representação do dogma da Imaculada Conceição, na Igreja Matriz de Válega, apresenta, ao centro, uma estátua da Imaculada de pé sobre a lua, coroada de estrelas, com as duas mãos unidas e a olhar para o chão<sup>34</sup> e rodeada de elementos do clero, dos quais se destacam os franciscanos, grandes defensores do “privilégio imaculista<sup>35</sup>”. Aos pés da Virgem, no pedestal, está gravado o nome da fábrica e dos artistas responsáveis por este painel, “FABRICA ALELUIA/ AVEIRO – PORTUGAL/ PINTADO POR / ANTÓNIO DE PINHO/ LOURENÇO (?) LIMAS/ E/ [...] SAUL MARQUES FERREIRA/ VÁLEGA”. Todos estes nomes são já nossos conhecidos. O único que nos parece estranho é o de António Pinho, que será, provavelmente, o mencionado Luís Pinho. Quanto à pouca percepção desta inscrição, isso resultará da proibição imposta pela direção da fábrica, relativamente à assinatura de obras<sup>36</sup>. Razão pela qual há uma camada de tinta sobre a inscrição que nos dificulta a sua leitura.

### **A proclamação do dogma da Imaculada Conceição**

Na proclamação do dogma, há uma divisão entre o mundo celeste e o mundo terrestre. No mundo celeste, estão representados alguns santos mártires e apóstolos. No entanto, a representação de Adão e Eva que se verifica no original italiano e que obviamente remete para o pecado original, já não está presente em Válega. No entanto, Nossa Senhora, representada como Imaculada, com lua aos pés, mantém-se numa posição central, acompanhada, do lado esquerdo, por Jesus e, do lado direito, por Deus Pai. Quanto aos quatro evangelistas, representados por Podesti com os seus símbolos aos pés (águia, leão, touro e anjo), em Válega, só S. Mateus continua a ter o anjo que lhe segura o livro, o que, sem a comparação com a obra oitocentista, parece descontextualizado.

No nível inferior, é apresentado o mundo terrestre, com o Papa Pio IX debaixo de um baldaquino (símbolo do sagrado), iluminado pelo Espírito Santo (em forma de raio de luz) que guia as suas palavras. A ouvi-lo, encontra-se a alta cúria romana. Este é o momento em que se define que, “desde o primeiro instante da sua concepção, por singular graça de Deus Onipotente e com vista aos méritos de Jesus Cristo Salvador do gênero humano, a Beatíssima Virgem Maria ficou preservada e imune de qualquer mancha de pecado original”<sup>37</sup>.

33 MONTFORT, s.d.

34 Representação que se distingue de Nossa Senhora da Assunção, como diz RÉAU (2000: 86).

35 COUTINHO, 1959: 81.

36 Informação oral dada pelos já mencionados antigos pintores da Fábrica Aleluia, e pela senhora Paula Fernandes, chefe da Secção de Painéis da Fábrica Aleluia, em 2009.

37 QUINA, 2005: 202.

Estas duas obras foram buscar o desenho e a composição aos frescos feitos por Francesco Podesti, no século XIX, na sala da Imaculada, no Vaticano. Todavia, nos dois casos, há uma interpretação destas obras que faz desaparecer algumas figuras e transforma elementos do fundo e cores das vestes.

### **A entrega das chaves a Pedro**

A cena, dividida em dois campos, marcados de um lado por Jesus, de outro por Pedro, é inspirado no quadro de Perugino. No entanto, como já vimos acontecer em outras situações, aqui não são representados os doze apóstolos, como fez o referido artista, mas seis, tendo sido o fundo urbano substituído por uma paisagem com montanhas. Inocograficamente, pretende evidenciar o momento em que Jesus diz,

Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu (Mt 16, 18-19).

#### **1.2.2. Interior**

No interior, a leitura do espaço faz-se do lado da Epístola, passando pelo coro-alto e terminando no lado do Evangelho:

1. Apresentação de Nossa Senhora no Templo;
2. Anunciação;
3. Visitação;
4. Maternidade de Nossa Senhora (arco do coro alto);
5. Fuga para o Egipto;
6. Morte de São José;
7. Senhora das Dores (arco do coro alto);
8. Assunção da Virgem;
9. Coroação da Virgem.

As aparições de Nossa Senhora de Lurdes e de Nossa Senhora de Fátima já não fazem parte do ciclo de vida de Maria, mas são antes a coroação deste ambiente com devoções tão aclamadas pela população, reforçando a mensagem que nos parece mais apropriada a este espaço, a fé na Imaculada Conceição.

A Apresentação no Templo poderá ser o culminar da primeira fase da vida da Virgem (nascimento livre de pecado original); a Anunciação e a Visitação, o anunciar de Jesus concebido sem pecado; a maternidade, a confirmação, a segunda fase; a fuga para o Egipto, a morte de São José e a Senhora das Dores, o percurso de dor até à glória, a terceira fase; e a assunção e a coroação, a quarta e última fase da vida da Imaculada Conceição.

Para além desta ordem sequencial, existe, também, um cuidado acrescido quanto às figurações correspondentes entre o lado da Epístola e o lado do Evangelho. Todas elas representam a ideia de Princípio (A – alfa) e de Fim ( $\Omega$  - ómega), como se pode ver na tabela seguinte.

A análise seguinte utiliza a ordem temporal dos acontecimentos. No entanto, apelamos à presença deste conceito de A e  $\Omega$ . As representações de Nossa Senhora de Lurdes e de Nossa Senhora de Fátima são remetidas para o fim da análise, pelos motivos que já explicámos.



Figura n.º 2 – Desenho do lado da Epístola (Igreja Matriz de Válega), Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim – escultor – Matosinhos, Portugal, 1958.  
Fonte: AFA.

### Quadro n.º 1 – Leitura iconológica do revestimento azulejar no interior da Igreja

Localização	Princípio (A)	Fim (Ω)	Localização
Lado da Epístola	Apresentação de Nossa Senhora no Templo	Coroação da Virgem	Lado do Evangelho
Lado da Epístola	Anunciação e Visitação	Assunção da Virgem	Lado do Evangelho
Arco do coro alto	Maternidade de Nossa Senhora	Senhora das Dores	Arco do coro alto
Coro alto	Fuga para o Egipto	Morte de São José	Coro alto

### A Trindade Triunfante

A Trindade Triunfante, em que Jesus apesar de ser representado com uma cruz às costas parece ser o Cristo ressuscitado/glorioso, contém uma representação de Deus Pai, inspirada num pormenor da *Sagrada Família Trinitarizada* de Murillo.

O dogma da Santíssima Trindade, definido no Concílio de Niceia (325), indica o que Deus é, “um Deus único em três Pessoas divinas iguais e distintas, a que a revelação cristã deu o nome de Pai, Filho e Espírito Santo. Que Deus é único, é conclusão lógica de ser o Ser Supremo; que o é em em três Pessoas, só o sabemos por ter sido revelado”<sup>38</sup> por Jesus Cristo.

Estas revelações de Jesus, estão presentes nas Sagradas Escrituras:

1. “Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado»” (Mt 3, 16-17);
2. “Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 18-19);
3. “Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9).

## A Apresentação de Nossa Senhora no Templo

Depois de Ana, que era estéril, ter dado à luz, Maria atingiu os três anos de idade e

Joaquim disse: «Chamemos as filhas dos Hebreus, aquelas que estão sem mácula. Que cada uma tome uma vela e a tenha acesa: assim, Maria não se voltará e o seu coração não ficará cativo fora do templo do Senhor.» E o sacerdote acolheu a criança e, tendo-a tomado nos seus braços, abençoou-a e disse: «O Senhor Deus exaltou o teu nome entre todas as gerações. Em ti, no último dos dias, o Senhor manifestará a redenção aos filhos de Israel.» E fê-la sentar no terceiro degrau do altar. E o Senhor Deus derramou a sua graça sobre ela. E os seus pés esboçaram uma dança, e toda a casa de Israel a amou<sup>39</sup>.

A representação de Nossa Senhora no Templo, nos azulejos da Igreja da Válega, indica o momento em que esta se dirige ao sacerdote. Joaquim e Ana, imediatamente atrás dela, acompanham-na e, no Céu, um anjo segura um enorme pano que parece vir de dentro do templo e cobre o sacerdote, os seus acompanhantes (com um olhar atento, talvez admirado) e chega, como o anjo, por cima da cabeça de Maria, revelando a zona mais sagrada de toda a representação. Envolto em nuvens e superiormente colocados, em relação ao pano, estão dois anjos que se preparam para lançar flores, talvez como símbolo das graças enviadas por Deus.

Do lado direito da Virgem, encontram-se duas virgens do templo, referenciadas nos Evangelhos Apócrifos e na *Legenda Dorada*:

### 1. Evangelho do Pseudo Mateus (cap. IV):

cumpridos nove meses, Ana deu à luz uma menina e pôs-lhe o nome de Maria. Ao terceiro ano, seus pais levaram-na ao templo, e depois de oferecerem os seus sacrifícios a Deus, fizeram doação de sua filha Maria, para que esta vivesse no grupo de virgens que passavam dia e noite a falar com Deus. Ao chegarem à frente do templo, Maria subiu tão rapidamente os quinze degraus, que não teve tempo de se voltar para trás e nem se sentiu ansiosa pelo afastamento de seus pais, coisa tão natural na meninez. Isto deixou todos estupefactos, até os pontífices se admiraram;

### 2. Legenda Áurea:

o templo fora construído num monte e tinha o altar do holocausto do lado de fora, e só por aqueles degraus se poderia chegar até ele. Tendo a Virgem posto o pé no primeiro, subiu todos tão sem ajuda como se já fosse adulta. Depois terminada a apresentação das oferendas, voltaram para casa, deixando a filha com as outras virgens no templo<sup>40</sup>.

## A Anunciação

Ao sexto dia mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José [...]. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiriria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus [...]. Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conhece homem? O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus (Lc 1, 26-38).

39 *Evangelhos*, 1991: 83-84 (Protoevangelho de Santiago, cap. VII).

40 VORAGINE, 2004: 140.

Nesta representação, em concreto, Maria parece estar já num momento de aceitação e o anjo termina, dizendo-lhe que o Espírito Santo descerá sobre ela.

A influência, neste caso, é a da *Anunciação* de Murillo. De todas as obras que reconhecemos como influências, esta foi aquela que mais fielmente foi reproduzida.

### **A Visitação**

Depois de Maria ter recebido o anúncio do nascimento de Jesus e de que a sua parenta, Isabel, de idade avançada, estava grávida “pôs-se a caminho [...]. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1, 39-45). A *Leyenda Áurea* (cap. CXCVI) fala, ainda, de “como se aumentou a superior e a inferior, a Senhora e a serva, a Rainha do céu e da terra à subdita e escrava. Considera os elogios daquela visita à casa de Isabel e à de Maria um tributo ao Senhor”<sup>41</sup>. Descrição essa que explica a diferença de vestes, as cores e as posições utilizadas. Enquanto Maria com túnica vermelha e manto azul (da cabeça aos pés) se apresenta de perfil direito, Isabel, com véu curto, túnica e manto a envolver a cintura, está ligeiramente curvada perante Maria.

A representação em Válega, inspirada na obra de Albertinelli, transformou o fundo intimista numa cena ao ar livre.

### **A Maternidade de Nossa Senhora**

O desenho da Figura n.º 3, embora não assinado, é seguramente da autoria das Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim e, na representação da Maternidade de Nossa Senhora, apresenta uma figura masculina (S. José), não utilizada na versão final.

### **A Fuga para o Egipto**

“Depois de partirem, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egipto e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar»” (Mt 2, 13-15). Então ele levantou-se e levando o menino e Maria partiu para o Egipto. Verificamos pelas patas do burro em movimento (em Válega), que o artista pretendeu remeter-nos para esse longo percurso e, sobretudo, para a introspeção das personagens.

### **A Morte de São José**

São José no leito de morte, representado com Jesus, um anjo e Maria a seu lado, foi pintado para a Igreja de Válega, em 1959, e a única referência que encontramos correspondente a esta obra foi a pintura de Dirce Bona, de 1962, possivelmente baseada numa pintura anterior, mas sobre a qual nada descobrimos. Este episódio, representado algumas vezes a nível internacional, tem em Válega uma das raras representações feitas em Portugal<sup>42</sup>, sendo a única no concelho de Ovar.

### **Nossa Senhora das Dores**

Esta figuração representa os últimos momentos da passagem de Nossa Senhora pela terra, antes da subida aos céus e respectiva glória celeste.

41 VORÁGINE, 2004: 876 (tradução do autor).

42 Encontramos outra representação da morte de S. José, no Museu dos Biscainhos, em Braga.

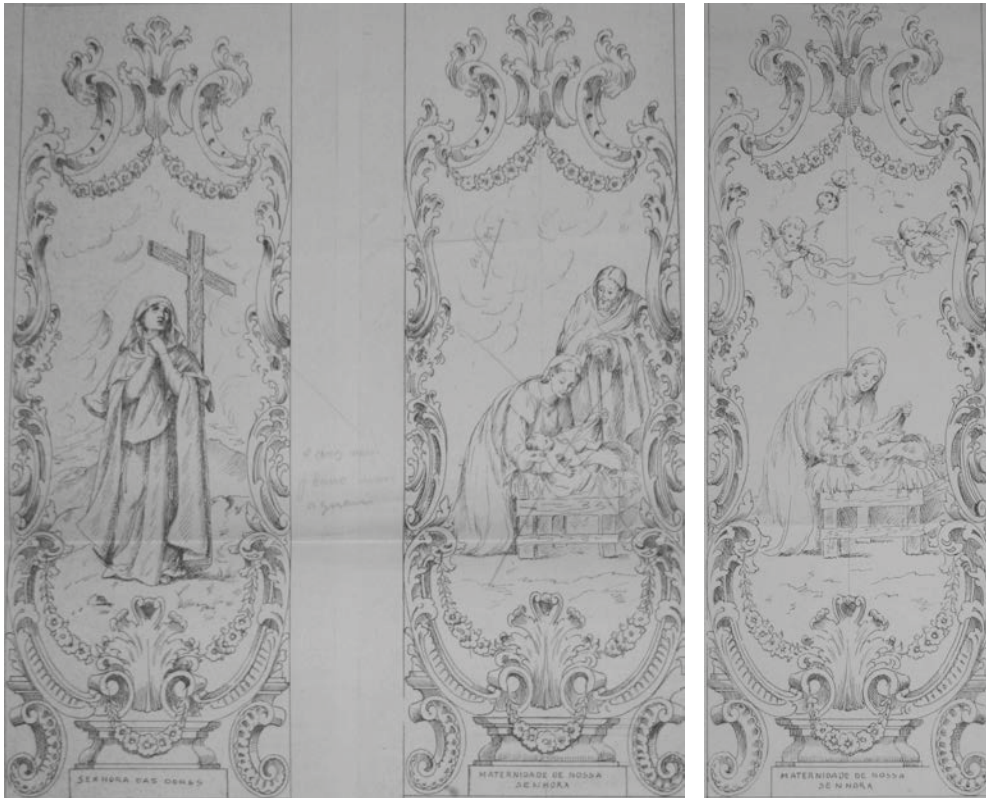


Figura n.º 3 – Desenho do Painel da Maternidade de Nossa Senhora (Igreja Matriz de Válega). Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim, escultor, Matosinhos, Portugal, s/d. Fonte: AFA.

Figura n.º 4 – Desenho das representações laterais ao arco abatido que suporta o coro alto (Igreja Matriz de Válega), s/d. Fonte: AFA.

## A Assunção

A Assunção reproduz o momento após a morte da Virgem, em que Jesus a chama para junto de si e, “naquele instante a alma de Maria aproximou-se do seu corpo e este, vivificado novamente, levantou-se glorioso, saiu da tumba e então a Senhora, acompanhada e aclamada por uma infinidade de anjos, subiu aos Céus”<sup>43</sup>.

## A Coroação da Virgem

Quanto à Coroação da Virgem, esta representação é inspirada na obra de Giulio Romano, mas, como já vimos acontecer com outras obras, apenas um pormenor é utilizado. O pintor quinhentista foi mais longe representando não só a Coroação da Virgem, como o episódio descrito pela *Legenda Áurea*: depois da morte da Virgem<sup>44</sup>, Jesus disse aos apóstolos:

43 VORÁGINE, 2004: 481 (tradução do autor).

44 “Segundo S. Epifanio [...] Maria saiu deste mundo aos setenta e dois anos de idade. Outros relatos mais verosímeis dizem que a mãe sobreviveu ao seu filho somente os doze anos que [...] permaneceram os apóstolos predicando pela Judeia e seus arredores; e assim foi, como parece certo, a Senhora foi levada ao céu com sesenta anos de idade (VORÁGINE, 2004: 479) (tradução do autor).



Figura n.º 5 – Desenho do lado do Evangelho (Igreja Matriz de Válega). Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim, escultor, Matosinhos, Portugal, 1958. Fonte: AFA.

Tomai o corpo de minha Mãe, levem-no ao vale de Josafat, coloquem-no num sepulcro novo que ali encontrareis e não vos movereis daquele lugar até que eu chegue, que será daqui a três dias. Assim, depois disso, o arcanjo Miguel entregou a alma de Maria a Jesus, que [...] a tomou em suas mãos e disse: Levanta-te, Mãe minha, senhora minha, tabernáculo da glória, vaso da minha vida, templo celestial, levanta-te! Levanta-te, porque esse santíssimo corpo teu que sem cópula carnal e sem mancha de qualquer tipo de concupiscência concebeu o meu, merece estar imune da desintegração que se produz no sepulcro!<sup>45</sup>

Depois da assunção da Virgem, Jesus Cristo “glorificou, a Maria, mãe sua imaculada e mãe de Deus”<sup>46</sup>.

Em suma, Giulio Romano representou o momento em que os apóstolos em redor do túmulo, depois de assistirem à assunção da Virgem Maria, falam sobre o que viram, enquanto Cristo coroa sua Mãe. Em Válega só a coroação foi representada.

### **Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora de Fátima**

Quatro anos depois da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1858, dá-se a aparição de Nossa Senhora de Lourdes,

talvez o facto religioso de maior relevância em todo o século XIX. Na aparição de 25 de Março, após a tríplice súplica da pequena vidente Bernardette, pedindo à bela Senhora que declare o seu nome, a Aparição descerra os seus lábios virginais para dizer com voz suave: “Eu sou a Imaculada Conceição”<sup>47</sup>.

Já no século XX, a 13 de maio de 1917, em Portugal, três crianças (Lúcia de Jesus dos Santos, de dez anos, Francisco Marto, de nove anos, e Jacinta Marto, de sete anos), vêem Nossa Senhora, enquanto apascentavam um pequeno rebanho, na Cova da Iria (freguesia de Aljustrel, concelho de Ourém). Por volta do meio dia, depois de

45 VORÁGINE, 2004: 481.

46 SANTOS OTERO, 2006: 638 (Livro de João arcebispo de Tessalónica, cap. XIV).

47 AGUIÃ, 1996: 31.

rezarem o terço, as crianças avistaram uma “Senhora mais brilhante que o sol” em cima de uma azinheira (onde agora se ergue a Capelinha das Aparições de Fátima). Esta Senhora terá dito às crianças que era necessário rezar muito e convidou-as a voltarem ao mesmo sítio, no dia 13, nos cinco meses seguintes.

A 13 de outubro, estavam presentes na Cova da Iria cerca de 50 mil pessoas, Nossa Senhora teria dito então às crianças: “Eu sou a Senhora do Rosário” e teria pedido que fizessem ali uma capela em sua honra.

Os dois casos – Nossa Senhora de Lurdes e Nossa Senhora de Fátima – são, claramente, uma alusão à Imaculada Conceição, completando, por isso, o programa iconográfico da Igreja da Válega, como exemplos de fé.

Estas duas aparições, pelo reflexo que conseguiram alcançar junto do povo, são largamente divulgadas através de estampas.

### 2.2.3. Batistério

Neste espaço, a representação central relata o Batismo de Cristo. Esta cena retrata o momento em que João acaba de batizar Jesus, no rio Jordão, e os céus se abrem, surgindo, sobre ele, uma pomba (Espírito Santo). “E uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado»” (Mt 3, 13-17).

Circundando esse painel, encontram-se quatro estruturas semelhantes que representam os padres António Barroso, Manuel da Nóbrega, S. João de Brito e S. Martinho de Dume. Em comum, têm o tema do batismo. A representação de S. Martinho<sup>48</sup>, bispo de Braga, e de três missionários, a batizar, reforça a importância do sacramento, fazendo destacar o batismo de Cristo. Na representação deste último, é o único que apresenta um espelho de água e uma superfície em tons de vermelho que o faz sobressair no meio de todas as outras. A mensagem que pretende transmitir é, por certo, o enaltecimento da evangelização feita pelos portugueses, nas suas mais diversas formas já que António Barroso, bispo do Porto, é missionário em África, Manuel da Nobrega, missionário no Brasil, João de Brito, missionário em Lisboa e Martinho de Dume, bispo de Braga).

À semelhança da fachada, pode ligar-se esta área representativa ao Concílio de Trento pela importância da pregação do evangelho<sup>49</sup> e dos santos sacramentos “pelos quaes a verdadeira justiça, ou começa, ou começada se aumenta, ou perdida se repara”<sup>50</sup>.

### Conclusão

Das vinte e seis representações, foram, neste trabalho, identificadas treze obras de influência. Destas não reconhecemos a proveniência de quatro, confirmamos seis figurações influenciadas por artistas italianos e três reproduzidas a partir da obra de Murillo, concluindo-se, portanto, que a obra italiana teve grande repercussão na obra azulejar da Igreja Matriz de Válega.

A presente análise iconográfica e iconológica em muito contribui para o conhecimento desta obra, no entanto, carece de uma análise da sua dimensão artística, que só será possível depois de uma rigorosa investigação da vida e da obra do seu benemérito, o comendador António Maria Augusto da Silva. Fica, portanto, alguma luz sobre este assunto, mas mais se deverá fazer para nos aproximarmos desta realidade artística, infelizmente, pouco documentada.

Seria, ainda, de bastante utilidade, compreender, através do benemérito, esta manifestação que, embora tão enraizada na época moderna – pelas representações e decoração escolhida e pelo enaltecimento do concílio tridentino –, se localiza cronologicamente tão próxima do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962.

48 S. Martinho foi bispo de Braga, escreveu várias obras religiosas e teve uma ação evangelizadora notável, entre os Suevos.

49 REYGENDE, 1781: 85.

50 REYGENDE, 1781: 171.



A compreensão da supracitada indicação poderá ser reforçada pelos princípios de continuidade emanados da convocatória do Concílio Vaticano II, na qual João XXIII revela que

acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo concílio ecumênico, em acréscimo e continuação à série dos vinte grandes concílios, realizados ao longo dos séculos, como uma verdadeira providência celestial para incremento da graça na alma dos fiéis e para o progresso cristão<sup>51</sup>.

Portanto, ao contrário dos concílios ecumênicos anteriores, preocupados com a condenação de heresias<sup>52</sup> e a definição da fé e da moral, o Concílio Vaticano II, pretendeu

fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja<sup>53</sup>,

garantindo “que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”<sup>54</sup>.

Relativamente aos desenhos de 1958 executados nas Oficinas de Escultura de Guilherme Ferreira Thedim, parecem-nos ser a consequência de uma empreitada mais alargada de obras de escultura e de talha para a nave da Igreja Matriz de Válega, possivelmente, iniciadas, dois anos antes, em 1957, com a realização da imagem do Senhor dos Passos e do respetivo retábulo<sup>55</sup>, continuadas com a execução, em 1959, da imagem de Nossa Senhora das Dores, e, em 1960, das imagens de Santa Rita, de Santa Joana Princesa, do Imaculado Coração de Maria, de São João de Brito e do Beato Nuno<sup>56</sup>.

É ainda de considerar a semelhança entre os retábulos laterais, junto ao coro alto, desenhados<sup>57</sup> em 1958, e os retábulos *in situ*, provavelmente realizados pelo mesmo artista.

51 CONSTITUIÇÃO, 1961.

52 “A Igreja sempre se opôs a estes erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validez da sua doutrina do que renovando condenações.” *DISCURSO*, 1962.

53 CONSTITUIÇÃO Conciliar, 1963.

54 *DISCURSO*, 1962.

55 Conforme epígrafe colocada lateralmente ao retábulo, trata-se do “ALTAR PERPÉTUO DA IMAGEM / DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS. / OFERTA DE D. RITA AUGUSTA DA SILVA, / FILHA DESTA FREGUESIA, / COMO TESTEMUNHO DE GRATIDÃO / POR GRAÇAS RECEBIDAS. / 15-8-1959”.

56 Obras assinadas e datadas.

57 AFA – *Desenho do lado da epístola (Igreja Matriz de Válega)*. Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim, escultor, Matosinhos, Portugal, 1958. AFA – *Desenho do lado do evangelho (Igreja Matriz de Válega)*. Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim, escultor, Matosinhos, Portugal, 1958.

## Fontes

- Arquivo da Fábrica Aleuia (AFA) – *Desenho da fachada da Igreja Matriz de Válega*, s.d.
- AFA – *Desenho das representações laterais ao arco abatido que suporta o coro alto (Igreja Matriz de Válega)*, s.d.
- AFA – *Desenho do arco cruzeiro da Igreja Matriz de Válega*, s.d.
- AFA – *Desenho do Baptismo de Cristo, da Igreja Matriz de Válega*, s.d.
- AFA – *Desenho do coro-alto da Igreja Matriz de Válega*, s.d.
- AFA – *Desenho do lado da Epístola (Igreja Matriz de Válega)*. Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim – escultor – Matosinhos, Portugal, 1958.
- AFA – *Desenho do lado da Epístola. Igreja Matriz de Válega*, s.d.
- AFA – *Desenho do lado do Evangelho (Igreja Matriz de Válega)*. Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim – escultor – Matosinhos, Portugal, 1958.
- AFA – *Desenho do Painel da Maternidade de Nossa Senhora (Igreja Matriz de Válega)*. Oficinas de Guilherme Ferreira Thedim – escultor – Matosinhos, Portugal, s.d.
- APV – *Livro das Vízitas desta Igreja de Vallega desde 1749 athe 1769*.
- Arquivo Episcopal do Porto (AEP) – N.º1. *Livro que hade servir na Vizita encarregada ao Ilmo Rdo Abbade de Stª Maria de Vallega*, 1824-1864, fol. 44.
- Arquivo Paroquial de Válega (APV) – *Livro que ha de servir pª os Capºs de Vezita da Fregª de Vallega*, 1769-1840.
- APV – *Livro das Vízitas desta Igreja de Vallega desde 1749 athe 1769*.
- BASTOS, Manuel Pires, 1984 – *O Concelho de Ovar nas «Memórias Paroquiais» (1758)*. Ovar: Edição da Paróquia de Ovar.
- BÍBLIA Sagrada*, 2002. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica.
- CONSTITUIÇÃO Apostólica do Papa João XXIII. Humanae Salutis. Convocação do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 25 de dezembro de 1961. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/apost\\_constitutions/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_constitutions/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis_po.html)> [consult. 10 de mar. 2010].
- CONSTITUIÇÃO Conciliar. Sacrosanctum Concilium Sobre a Sagrada Liturgia*, 4 de dezembro de 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)> [consult. 10 de mar. 2010].
- DISCURSO de Sua Santidade o Papa João XXIII na Abertura Solene do SS. Concílio*, 1962. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council_po.html)> [consult. 10 de mar. 2010].
- EVANGELHOS Apócrifos*, 1991. Lisboa: Editorial Estampa.
- HISTÓRIA da Fábrica Aleuia. Aveiro – Portugal (1905 – 1955)*, 1955. Aveiro: Edição Comemorativa do Cinquentenário.
- REYCENDE, João Baptista, 1781 – *O Sacrosanto e Ecumenico Concilio de Trento Em Latim, e Portuguez: Dedicada, e Confagrada aos excell., Rev. Senhores Arcebispos, e Bispos da Igreja Lusitana*. Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, tomo I.
- SANTOS OTERO, Aurelio de, 2006 – *Los Evangelios Apócrifos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- VORÁGINE, Santiago de la, 2004 – *La Leyenda Dorada*. Madrid: Alianza Forma, vol. 2.
- VORÁGINE, Tiago de, 2004 – *Legenda Áurea*. Porto: Editora Civilização.

## Bibliografia

- AGUIÃ, Simão Pedro de; SAINT-LAURENT, Tomas, padre, 1996 – *A Imaculada Conceição. Padroeira e rainha de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa*. Porto: Editora Civilização.
- COUTINHO, B. Xavier, 1959 – *Nossa Senhora na Arte*. Porto: Associação Católica do Porto.
- FALCÃO, Manuel Franco, 2006 – *Enciclopédia Católica Popular*. 2.ª ed. Prior Velho: Paulistas.
- MECO, José, 1992 – *Azulejaria Portuguesa*. 4.ª ed. Lisboa: Bertrand Editora.
- MONTFORT, Associação Cultural de, s.d. – “Pio IX – *Bula Ineffabilis Deus* – Dogma da Imaculada Conceição.” Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=20060220&lang=bra>> [consult. 30 de Jan. 2009].
- OLIVEIRA, Miguel de, padre, 1981 – *Válega. Memória histórica e descritiva*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar.
- QUINA, João (coord.), 2005 – *Museus do Vaticano*. S.l.: Planeta de Agostini.
- RÉAU, Louis, 2000 – *Iconografia del arte cristiano*. Barcelona: Ediciones del Serbal. 5 vols.